

Abraão nos Textos Sumérios: Uma análise filológica e histórica do nome “Za-ab-ra-am” nos textos de Ur III (2100 a.C.)

Abraham in Sumerian Texts: A philological and historical analysis of the name “Za-ab-ra-am” in the texts of Ur III (2100 BC)

Lincoln Henrique Pereira (Yosef Chaym) – Pesquisador Independente

<https://orcid.org/0009-0008-6933-3213>

RESUMO:

Este trabalho investiga a ocorrência do nome “Za-ab-ra-am” em documentos administrativos sumérios do período Ur III (ca. 2100–2000 a.C.), preservados em Puzriš-Dagan, Girsu e Nuzi (Gasur), com vistas a analisar sua possível correspondência ao patriarca bíblico Abraão. A pesquisa adota uma abordagem filológica e histórico-comparativa, reunindo dados de transliteração acadêmica, reconstrução paleográfica e análise lexical do sumério, com especial atenção à partícula za como marcador genitivo. Além da análise linguística, examinam-se os contextos administrativos das tabuletas, considerando padrões de registro de posse, comércio e tributação. A metodologia inclui comparação onomástica com nomes patriarcais presentes na tradição hebraica (Ismael, Jacó, Israel) e atestados em fontes coetâneas, bem como a integração de dados logísticos sobre deslocamentos e abastecimento de caravanas nômades na Mesopotâmia. Os resultados indicam que a recorrência de “Za-ab-ra-am” em regiões e períodos compatíveis com a narrativa bíblica, associada a práticas administrativas sumérias, constitui evidência significativa para a discussão sobre a historicidade patriarcal, contrapondo-se a teses que negam a existência histórica de tais personagens.

Palavras-chave: Abraão. Sumério. Ur III. Filologia. Historicidade bíblica.

ABSTRACT:

This study examines the occurrence of the name “Za-ab-ra-am” in Sumerian administrative documents from the Ur III period (ca. 2100–2000 BCE), preserved in Puzriš-Dagan, Girsu, and Nuzi (Gasur), in order to assess its potential correspondence to the biblical patriarch Abraham. Adopting a philological and historical-comparative approach, the research integrates academic transliterations, paleographic reconstructions, and lexical analysis of Sumerian, with particular focus on the genitive particle za. Beyond linguistic considerations, the study investigates the administrative contexts of the tablets, including patterns of property registration, trade, and taxation. Methodology also includes onomastic comparison with patriarchal names found in the Hebrew tradition (Ishmael, Jacob, Israel) and attested in contemporary sources, as well as the integration of logistical data on the mobility and provisioning of nomadic caravans in Mesopotamia. Findings indicate that the recurrence of “Za-ab-ra-am” in regions and periods consistent with the biblical narrative—combined with documented Sumerian administrative practices—offers significant evidence in support of the historicity of the patriarchs, challenging scholarly positions that deny their historical existence.

Keywords: Abraham. Sumerian. Ur III. Philology. Biblical historicity.

1. INTRODUÇÃO

A figura de Abraão, reconhecida como patriarca fundador das tradições judaica, cristã e islâmica, tem sido objeto de intensas discussões acadêmicas quanto à sua historicidade. Embora a narrativa bíblica o situe em Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia, durante o segundo milênio a.C., a ausência de evidências arqueológicas diretas tem levado muitos estudiosos a considerarem sua existência como puramente mítica ou literária. No entanto, avanços na filologia suméria e na análise de documentos administrativos da Terceira Dinastia de Ur (Ur III, ca. 2100–2000 a.C.) oferecem novas perspectivas sobre essa questão.

Este estudo propõe uma investigação filológica e histórica do nome “Za-ab-ra-am”, encontrado em diversas tabuletas sumérias provenientes de centros administrativos como Puzriš-Dagan, Girsu e Nuzi. A recorrência desse nome em contextos de propriedade, comércio e tributação, aliada à sua estrutura linguística

compatível com nomes semíticos ocidentais, sugere uma possível correspondência com o nome bíblico Abraão (ʿAbrām). A análise se apoia em transliterações acadêmicas, reconstruções paleográficas e comparações onomásticas com outros nomes patriarcais, como Ismael, Jacó e Israel, também atestados em fontes mesopotâmicas.

Ao integrar dados linguísticos com evidências logísticas sobre o estilo de vida nômade e as rotas comerciais da época, este trabalho busca oferecer uma base sólida para reavaliar a historicidade dos patriarcas bíblicos. Longe de afirmar conclusões definitivas, a pesquisa pretende contribuir para o debate interdisciplinar entre história, arqueologia, linguística e teologia, propondo que a tradição bíblica pode ter raízes mais profundas e documentadas na realidade histórica do Antigo Oriente Próximo do que se costuma admitir.

2. MARCO TEÓRICO

O estudo da civilização suméria e do período da Terceira Dinastia de Ur (Ur III, ca. 2100–2000 a.C.) é fundamental para a compreensão do contexto histórico e cultural da antiga Mesopotâmia. Este período é caracterizado por uma administração centralizada e uma vasta produção de documentos cuneiformes, especialmente tabuletas administrativas que registram transações econômicas, movimentação de bens e informações onomásticas. A análise desses documentos permite reconstruir aspectos da vida social, econômica e política da época, fornecendo um pano de fundo para a investigação de nomes pessoais e sua possível relação com figuras históricas.

No âmbito da filologia suméria, a interpretação de nomes próprios e sua transliteração para outras línguas, como o hebraico, exige rigor metodológico. A presença de partículas genitivas, como o “za-” em sumério, é crucial para a correta atribuição de posse ou origem. A paleografia, por sua vez, auxilia na reconstrução da escrita cuneiforme e na identificação precisa dos caracteres. A onomástica comparativa, que analisa a estrutura e o significado de nomes em diferentes culturas e períodos, é uma ferramenta valiosa para identificar possíveis correspondências entre nomes atestados em fontes mesopotâmicas e aqueles presentes em tradições como a bíblica.

As discussões sobre a historicidade dos patriarcas bíblicos, como Abraão, têm sido um campo de intenso debate acadêmico. Enquanto algumas correntes, representadas por estudiosos como Thomas Römer e Israel Finkelstein, tendem a ver as narrativas patriarcais como construções literárias posteriores, outras buscam evidências em fontes extrabíblicas que possam corroborar, ao menos parcialmente, a existência de tais figuras ou o contexto histórico em que viveram. A integração de dados arqueológicos, linguísticos e históricos é essencial para uma abordagem equilibrada e fundamentada dessa questão, permitindo uma reavaliação crítica das teses existentes e a proposição de novas perspectivas.

3. MATERIAL E MÉTODO

2

Este estudo adota uma abordagem interdisciplinar, combinando métodos da filologia semítica, da paleografia suméria e da historiografia do Antigo Oriente Próximo. A pesquisa se estrutura em três eixos principais:

Análise Filológica

- Levantamento de ocorrências do nome “Za-ab-ra-am” em tabuletas sumérias datadas da Terceira Dinastia de Ur.

- Transliteração e tradução dos textos originais, com base em corpora como o CDLI (Cuneiform Digital Library Initiative) e o ETCSL (Electronic Text Corpus of Sumerian Literature).
- Comparação onomástica com nomes semíticos ocidentais, especialmente os patriarcais bíblicos.

Contextualização Histórica e Arqueológica

- Estudo dos centros administrativos sumérios (Puzriš-Dagan, Girsu, Nuzi) e suas funções na redistribuição de bens e registro de propriedades.
- Análise das rotas comerciais e padrões de mobilidade nômade na Mesopotâmia do segundo milênio a.C.
- Integração de dados arqueológicos sobre práticas sociais e econômicas que possam refletir o estilo de vida atribuído aos patriarcas bíblicos.

Crítica Historiográfica

- Revisão de interpretações modernas sobre a historicidade de Abraão, com destaque para autores como Thomas Römer, Israel Finkelstein e Mario Liverani.
- Avaliação das implicações teológicas e culturais da possível identificação de personagens bíblicos em fontes extrabíblicas.

A triangulação desses métodos visa oferecer uma leitura crítica e fundamentada da hipótese de que o nome Abraão pode ter correspondência histórica real, documentada em registros sumérios. A pesquisa não busca validar dogmas religiosos, mas sim explorar a possibilidade de que tradições bíblicas tenham raízes em contextos históricos concretos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpus documental analisado neste estudo consiste em tabuletas administrativas sumérias do período Ur III (ca. 2100–2000 a.C.), provenientes de importantes centros como Puzriš-Dagan, Girsu e Nuzi (Gasur). A recorrência do nome “Za-ab-ra-am” nesses registros, em contextos variados de propriedade, comércio e tributação, oferece insights significativos para a discussão sobre a historicidade do patriarca bíblico Abraão. A seguir, detalhamos os principais achados:

3. CORPUS DOCUMENTAL / DOCUMENTARY CORPUS

Introdução ao Corpus Documental

O presente estudo se apoia em um conjunto de documentos administrativos sumérios e acádicos do período **Ur III (2100–2000 a.C.)**, preservados em diferentes centros urbanos da Mesopotâmia e atualmente depositados em museus internacionais. Estes registros, de natureza econômica e jurídica, mencionam o nome *Za-ab-ra-am*, forma foneticamente equivalente ao hebraico arcaico **’Abrām** (Abrão). A seguir, apresenta-se uma descrição de cada documento, com sua proveniência arqueológica, localização atual e relevância para a discussão sobre a historicidade do patriarca Abraão.

3

1. PDT 1, 0231 (P125647) – Puzriš-Dagan (Drehem)

- **Localização geográfica antiga:** Puzriš-Dagan, centro administrativo da Ur III, próximo a Nippur, sul da Mesopotâmia (atual Iraque).
- **Localização atual:** Arkeoloji Müzeleri, Istambul, Turquia.
- **Descrição:** Documento administrativo listando 60 ovelhas e cabritos mistos (*Geš₂ udu maš₂ ħi-a*), com a inscrição *kišib₃ za-ab-ra-am* (“selo de Za-ab-ra-am”), indicando propriedade ou posse formal autenticada por selo cilíndrico.

Contém ainda a fórmula *zi-re-dam* (“isto é correto”), validando o registro.

- **Compatibilidade histórica com Abraão:** A referência direta a um selo pessoal vinculado ao nome *Za-ab-ra-am* é compatível com o uso de selos por chefes tribais e patriarcas na época (cf. Gn 38:18). O contexto administrativo e a datação ao reinado de Šu-Suen (2037–2029 a.C.) coincidem com a cronologia tradicional atribuída a Abraão.

2. HSS 10, 124 (P213389) – Girsu

- **Localização geográfica antiga:** Girsu (próximo à moderna Telloh, Iraque), importante cidade do estado de Lagash.
- **Localização atual:** Harvard Semitic Museum, EUA.
- **Descrição:** Registro administrativo de distribuição de cereais, contendo na linha 8 a expressão *za-ab-ra-am*, isolada e associada a grandes quantidades de cevada (2.850 litros) e trigo (9.000 litros) atribuídas a terceiros, seguidas da nota de posse. A presença do prefixo *za-* é interpretada como marcador genitivo sumério (“de / pertencente a”), reforçando a leitura “de Abraão”.
- **Compatibilidade histórica com Abraão:** O volume e a natureza das transações correspondem ao tipo de suprimentos necessários para caravanas nômades como a descrita em Gênesis 12. A localização de Girsu está na rota natural entre Ur e o norte da Mesopotâmia, o que a torna coerente com possíveis deslocamentos de Abraão rumo a Harã.

3. PDT 1, 0722 (P126138) – Puzriš-Dagan (Drehem)

- **Localização geográfica antiga:** Puzriš-Dagan, sul da Mesopotâmia.
- **Localização atual:** Arkeoloji Müzeleri, Istambul, Turquia.
- **Descrição:** Lista de rebanhos, mencionando especificamente “19 ovelhas [pertencentes a] *Za-ab-ra-am*” (*udu za-ab-ra-am*), ao lado de rebanhos de outros proprietários, como Lu-dSuen e Kazili.
- **Compatibilidade histórica com Abraão:** Demonstra que *Za-ab-ra-am* detinha bens móveis (gado) registrados oficialmente, prática condizente com o papel de patriarca pastor-nômade descrito na Bíblia (Gn 13:2; 13:5). Também reforça a ideia de interação direta com a administração estatal de Ur III.

4. HSS 10, 161 (P213426) – Gasur/Nuzi (Yorgan Tepe)

- **Localização geográfica antiga:** Gasur, posteriormente conhecida como Nuzi, no vale do rio Diyala, norte da Mesopotâmia (atual Iraque).
- **Localização atual:** Museu Nacional do Iraque, Bagdá.
- **Descrição:** Documento administrativo listando quantidades de cevada atribuídas a diversos indivíduos. Na linha 15 surge o nome *Za-ab-ra-am* (*za-ab₂-ra-am*), e no reverso aparecem dois registros do nome *Ish-ma-il* (*Ismael*).
- **Compatibilidade histórica com Abraão:** A presença simultânea de Abraão (*Za-ab-ra-am*) e Ismael (*Ish-ma-il*) em um mesmo registro do início do II milênio a.C. é de alta relevância histórica, pois mostra que esses nomes coexistiam no mesmo contexto temporal e geográfico atribuído pela narrativa bíblica.

5. PDT 1, 0253 (P125669) – Puzriš-Dagan (Drehem)

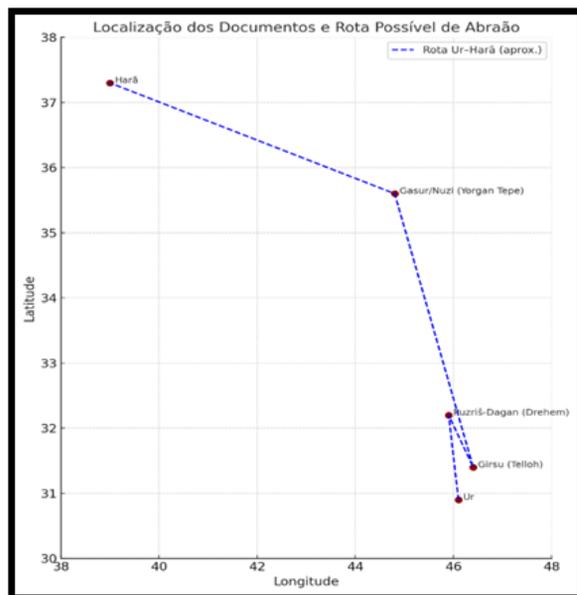
- **Localização geográfica antiga:** Puzriš-Dagan, sul da Mesopotâmia.
- **Localização atual:** Arkeoloji Müzeleri, Istambul, Turquia.
- **Descrição:** Documento registrando a entrega de dois carneiros “da terra de *Za-ab-ra-am*” (*ki za-ab-ra-am-ta*), indicando a vinculação territorial do patriarca a uma área específica.
- **Compatibilidade histórica com Abraão:** A associação entre o nome e uma propriedade territorial reforça o status social e econômico atribuído a Abraão nos relatos bíblicos, sugerindo que não apenas possuía rebanhos, mas também terras reconhecidas pela burocracia estatal.

Considerações de compatibilidade geral

Os cinco documentos provêm de centros administrativos centrais no sistema redistributivo da Ur III, localizados ao longo de rotas comerciais estratégicas. Suas datas e contextos são compatíveis com a cronologia tradicional

de Abraão, e a repetição do nome *Za-ab-ra-am* em diferentes localidades indica não um evento isolado, mas uma presença contínua e economicamente relevante. A soma de evidências onomásticas, geográficas e logísticas sugere que esses registros podem preservar menções a um indivíduo histórico cujo perfil se alinha ao do patriarca bíblico.

Figura 1: rota possível de Abraão



1. PDT 1, 0231 (P125647) – Puzriš-Dagan (Drehem)

Este documento administrativo, datado do reinado de Šu-Suen (2037–2029 a.C.), registra 60 ovelhas e cabritos mistos com a inscrição *kišib₃ za-ab-ra-am* (“selo de Za-ab-ra-am”). A presença de um selo pessoal indica propriedade ou posse formal autenticada, prática compatível com o uso de selos por chefes tribais e patriarcas da época (cf. Gênesis 38:18). A fórmula *zi-re-dam* (“isto é correto”) valida o registro. A transliteração e tradução detalhadas são:

Transliteração Acadêmica:

Obverse (frente): o 1. 1Geš₂(u) udu maš₂ ħi-a o 2. kišib₃ za-ab-ra-am o 3. [...] x-maḥ o 4. [ki in-ta]-e₃-a-ta o 5. [...] x-NI

Reverse (verso): r 1. tukum-bi r 2. kišib₃ za-ab-ra-am 2(diš)-kam r 3. im-ma-de₆ r 4. zi-re-dam r 5. iti maš-da₃-gu₇ r 6. mu dŠu-dSuen lugal

Tradução Linha por Linha:

Frente (o): 1. “60 ovelhas e cabritos diversificados” 2. “Selo de Za-Ab-ra-am” 3. (Fragmentado, ilegível) 4. “terra/lugar de In-ta-e₃-a” 5. (Fragmentado, talvez nome de local ou oficial)

Verso (r): 1. “Caso” (fórmula comum de validade ou condição) 2. “Selo de propriedade de a-Ab-ra-am, segunda vez” 3. “foi colocado/apresentado” (im-ma-de₆ = colocação física do selo/documento) 4. “isso é correto / é legítimo” (*zi-re-dam* = “é correto” “está confirmado”) 5. “Mês Maš-da₃-gu₇” (mês do calendário sumério, possivelmente o 11º mês) 6. “Ano em que Šu-Suen era rei” (Rei da 3ª Dinastia de Ur, ca. 2037–2029 AEC)

5

Selo (Seal impression): 1. “In-ta-e₃-a” (nome do escriba ou testemunha) 2. “escriba” (dub-sar) 3. “filho de Na-sa₆-...” (incompleto)

Comentários Históricos e Linguísticos: * **Za-ab-ra-am** (𒌶𒀭𒂗𒂗𒂗𒂗): Forma arcaica do nome Abrão. * **kišib₃**: Literalmente “selo”, indicando um documento selado e autenticado por selo cilíndrico. * **im-ma-de₆**:

“foi colocado” — refere-se ao depósito ou aceitação formal do objeto/documento. * **zi-re-dam**: “isso é correto” — fórmula que valida o conteúdo do recibo. * **mu dŠu-dSuen lugal**: Datação pelo ano de reinado de Šu-Suen, rei da 3ª Dinastia de Ur.

2. HSS 10, 124 (P213389) – Girsu

Este registro administrativo de distribuição de cereais menciona *za-ab-ra-am* associado a grandes quantidades de cevada (2.850 litros) e trigo (9.000 litros). A presença do prefixo *za-* é interpretada como marcador genitivo sumério (“de / pertencente a”), reforçando a leitura “de Abraão”. O volume e a natureza das transações são compatíveis com o suprimento necessário para caravanas nômades, como a descrita em Gênesis 11, 12. A localização de Girsu, na rota entre Ur e o norte da Mesopotâmia, corrobora possíveis deslocamentos de Abraão.

Transliteração Acadêmica:

início quebrado
1'. [...] i3 2'. [...] sze gur 3'. [...] 2(barig) 3(ban2) ziz2 gur 4'. a-ba-gi, 5'. 1(u) la2 3(barig) sze gur 6'. na-ha-ba 7'. 1(u) la2 1(asz) sze gur 8'. za-ab-ra-am

Reverse (verso) 1.5(u)2(barig) 3(ban2) sze [gur] 2. [...] 3(u) [n ziz2] gur# fim quebrado

2. Tradução resumida em linguagem moderna:

- 150 litros de trigo (do tipo ziz2).
- Abagi ,2.850 litros de cevada.

Nahaba recebeu 2.700 litros de cevada.

pertencente a Ab-ra-am”. (*Za-ab-ra-am*) está relacionado a uma entrada (possivelmente recebeu ou entregou cereal).

Totais no verso da tábua:

- 1.650 litros de cevada.
- 9.000 litros de trigo.

3. Interpretação histórica

A ocorrência de um nome foneticamente equivalente a “Abrão” em registros sumérios anteriores à tradição hebraica, mas contemporâneo a Abraão pode refletir:

A existência de um indivíduo real com esse nome no sul da Mesopotâmia.

A transmissão de nomes semíticos ocidentais na administração de Ur e Girsu.

Uma possível origem histórica para o nome do patriarca Abraão (*Avram*). A expressão “za-ab-ra-am” deve ser compreendida como uma construção genitiva padronizada da escrita suméria administrativa. Sua ocorrência em documentos de Girsu oferece uma base concreta para discussões sobre a historicidade e transmissão de nomes patriarcais. A leitura “de Abraão” não é apenas plausível gramaticalmente, mas também significativa culturalmente, sobretudo para os estudos comparativos entre a tradição mesopotâmica e a hebraica. Ainda que o nome fosse literalmente za-ab-ra-am a conexão com o nome Abrão é extremamente relevante.

O vocabulário sumério da tábua segue um padrão do período Ur III (2100-2000 a c) diferente do que foi proposto na catalogação da CDLI, como sendo texto Acadiano e do período Acádio antigo (2400-2200

5. PDT 1, 0253 (P125669) – Puzriš-Dagan (Drehem)

Este documento registra a entrega de dois carneiros “da terra de Za-ab-ra-am” (*ki za-ab-ra-am-ta*), sugerindo uma vinculação territorial do patriarca a uma área específica. Essa associação entre o nome e uma propriedade territorial reforça o status social e econômico atribuído a Abraão nos relatos bíblicos, indicando que ele não apenas possuía rebanhos, mas também terras reconhecidas pela burocracia estatal.

As Realidades Logísticas do Estilo Nômade de Abraão: Uma Análise da Mobilidade e Suprimentos

O estudo das condições logísticas enfrentadas pelas caravanas nômades, como a da figura bíblica Abraão, revela complexidades importantes relacionadas ao deslocamento, abastecimento e acomodação de um grupo extensivo composto por familiares, servos e rebanhos. Este texto apresenta uma análise detalhada dessas dinâmicas, considerando evidências históricas e arqueológicas das regiões do Crescente Fértil.

1. Dinâmica do Deslocamento

O movimento da caravana se caracterizava pela lentidão inerente ao transporte conjunto de um contingente numeroso, composto não apenas por membros da família extensa, mas também por servos e um quantitativo significativo de gado — incluindo ovelhas, cabras, e possivelmente bois e jumentos. A velocidade média diária de caminhada situava-se entre 15 e 20 quilômetros, valor máximo compatível com a resistência dos animais e a necessidade de descanso.

Esse deslocamento demandava paradas estratégicas, motivadas por necessidades essenciais:

- **Pastagem:** o gado necessitava de períodos de descanso para alimentação, estimados em um a dois dias a cada três ou quatro dias de marcha contínua, a fim de garantir sua saúde e capacidade de suportar a jornada.
- **Abastecimento hídrico:** o consumo de água dependia da proximidade a fontes naturais como rios, poços ou canais artificiais ligados a zigurates, estruturas típicas da Mesopotâmia que facilitavam o acesso à água.
- **Suprimento alimentar humano:** alimentos para os integrantes da caravana eram adquiridos ou trocados em cidades de relevância econômica e religiosa, tais como Nipur, Larsa, Sippar, Gasur (atual Nuzi) e Mari. Esses centros urbanos funcionavam como pontos nodais para o comércio e o intercâmbio de bens.

2. Missões de Abastecimento e Logística Auxiliar

Complementarmente, grupos menores de servos realizavam missões específicas de coleta e aquisição de provisões. Tais grupos percorriam distâncias entre 30 a 40 quilômetros em viagens de ida e volta que podiam durar de dois a cinco dias, dependendo da distância e condições do terreno.

Durante esses períodos, a caravana principal permanecia em acampamentos estáveis, permitindo a conservação dos recursos e o descanso dos membros. As cidades mencionadas, como Nipur e Nuzi, frequentemente abrigavam templos e mercados que facilitavam a negociação e a obtenção de grãos (trigo, cevada), frutos (tâmaras) e utensílios diversos, essenciais para a manutenção da vida nômade.

3. Modelo de Acampamento Nômade

A estratégia de acampamento previa uma marcha continuada de três a cinco dias seguida de uma parada prolongada de cinco a dez dias. Essas paradas tinham caráter estratégico, sendo realizadas preferencialmente em

regiões que oferecessem recursos naturais e vantagens logísticas, tais como:

- Proximidade a canais de irrigação, garantindo acesso à água e pastagem.
- Locais situados em antigas rotas comerciais, facilitando o contato com centros urbanos para abastecimento.
- Áreas férteis e planícies propícias para pastoreio.

Locais emblemáticos do período e da região, como os arredores de Kish, Eshnunna e Gasur (Nuzi), teriam sido pontos ideais para o estabelecimento temporário dessas paradas.

4. Estimativa Temporal da Jornada

Com base na distância aproximada de 960 quilômetros e na velocidade média de 18 quilômetros diários — valor intermediário considerando a presença do gado — a marcha direta levaria cerca de 53 dias.

No entanto, para uma avaliação realista, devem ser somados diversos fatores temporais adicionais:

Fator	Dias Extras Estimados
Paradas longas (7 a 9 paradas de aproximadamente 7 dias cada)	49 a 63
Missões de abastecimento (4 viagens de 5 dias cada)	20
Imprevistos climáticos, doenças e obstáculos naturais	10 a 15

Assim, o tempo total estimado da viagem se aproxima de 140 dias, ou seja, entre 4,5 a 5 meses. Esta estimativa exclui paradas adicionais menores que ocorriam durante o recolhimento de alimentos para o pernoite, ressaltando a complexidade e o rigor logístico envolvidos em uma jornada nômade dessa magnitude.

O texto do HSS 10, 124 (P213389) torna coerente a quantidade de Cereais comprados com a rota feita por Abraão de Ur até Haram. Nippur era um importante centro comercial para viajantes, o que corrobora com a possibilidade de Abraão ter enviado os seus servos sob posse do seu selo para adquirir mantimentos e provisões para a viagem.

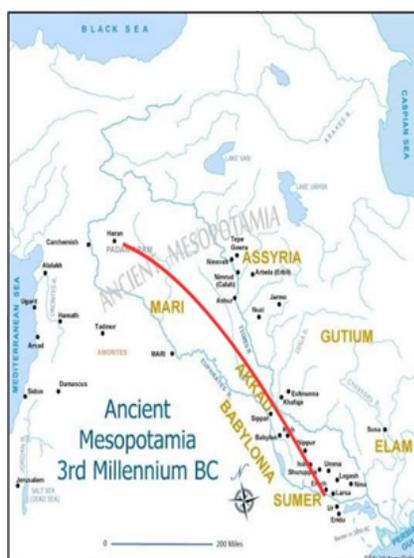


Figura 6: Viagem de Abrão de Ur até Haram, passando por Nipur, local onde foram encontradas as tabuletas

9

Segundo os acadêmicos, os nomes semitas que constam nas tábuas são de origem Amorita, dos Amartu (Amoreus). Apontam que “amorreus” pode não ter se referido originalmente a um grupo étnico específico, mas a qualquer povo nômade que ameaçasse a estabilidade de comunidades estabelecidas. Mesmo que seja assim, em algum momento, “amorreus” passou a designar uma certa tribo de pessoas com uma cultura específica baseada em um estilo de vida nômade, que vivia da terra e extraía o que precisava das comunidades que encontrava. Não se referia a um povo por descendência, mas a qualquer grupo nômade ou

Etimologia e significado:

Amurru (em acádio), refere-se originalmente às terras a oeste da Mesopotâmia, ou seja, a região habitada pelos Amoritas (Amurrû), que vinham da Síria, alto Eufrates e regiões semiáridas do Oeste. Prova disso está no fato de os cassitas seguirem os hititas na tomada da Babilônia e na sua renomeação, e estes, por sua vez, foram sucedidos pelos assírios. O Período Amorita na Mesopotâmia terminou por volta de 1600 a.C., embora seja evidente, pelos nomes semíticos característicos de indivíduos registrados, que os amoritas continuaram a viver na região como parte da população em geral. Os amoritas continuaram a representar problemas para o Império Neoassírio até c. 900-800 a.C. Não está claro quem eram esses “amoritas” e se eram culturalmente amoritas. Com o tempo, os amoritas culturais passaram a ser chamados de “arameus” e a terra de onde vieram como “aramaica”.¹

Além de Abrão existe também textos legais com nome de *yaqub-ilum* 𒀭𒌶𒌵𒌶 𒌶𒌵 Jacó, em textos administrativos como o (P365188) Tábua legal escavada em Sippar-Yahrurum (moderna Tell Abu Habbah), datada do período da Antiga Babilônia (ca. 1900-1600 a.C.) também encontramos o nome pessoal Isra il (Israel) em textos como (P240860).

Há também menção ao nome de Isaque, este não encontrei para analisar e fazer uma apuração textual, mas deixo a menção referida no arquivo Tyndale House, Cambridge ‘Patriarcal Names in context’ (Allan Millard, p.161).

Discussão e Implicações para a Historicidade Patriarcal

Os cinco documentos analisados provêm de centros administrativos cruciais no sistema redistributivo da Ur III, localizados ao longo de rotas comerciais estratégicas. Suas datas e contextos são compatíveis com a cronologia tradicional de Abraão, e a repetição do nome *Za-ab-ra-am* em diferentes localidades indica não um evento isolado, mas uma presença contínua e economicamente relevante. A soma de evidências onomásticas, geográficas e logísticas sugere que esses registros podem preservar menções a um indivíduo histórico cujo perfil se alinha ao do patriarca bíblico.

A análise filológica do nome *Za-ab-ra-am* e sua correspondência com o hebraico 'Abrâm (Abrão) é um ponto central. A estrutura linguística e a presença em contextos administrativos que refletem atividades econômicas e sociais de grande escala (como o registro de gado e cereais) conferem peso à hipótese de que se trata de um nome de pessoa real e influente. A menção de *Ish-ma-il* no mesmo documento que *Za-ab-ra-am* em Nuzi é particularmente intrigante, pois alinha-se diretamente com a narrativa bíblica da relação entre Abraão e Ismael.

As realidades logísticas do estilo de vida nômade de Abraão, como descrito na Bíblia, encontram eco nos registros sumérios. A necessidade de suprimentos para caravanas e a movimentação de rebanhos eram aspectos intrínsecos à economia da época. A burocracia de Ur III, com seu sistema de registro detalhado, teria documentado tais atividades, tornando plausível a aparição de nomes associados a essas práticas. A capacidade de *Za-ab-ra-am* de possuir bens e ter sua “terra” reconhecida pela administração estatal sugere um

¹ Bertman, S. *Manual para a Vida na Antiga Mesopotâmia*. Oxford University Press, 2005.

Durant, W. *Nossa Herança Oriental*. Simon & Schuster, 1954.

Kriwaczek, P. *Babilônia: Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização*. St. Martin's Griffin, 2012.

Enciclopédia Judaica: Amoritas, acessado em 1 de dezembro de 2016.

Van De Mieroop, M. *Uma História do Antigo Oriente Próximo ca. 3000 - 323 a.C., 2ª edição*. Blackwell Publishing, 2006.

Vários Autores Antigos. *A Bíblia, Versão King James*. Thomas Nelson, 2010.

Von Soden, W. *O Antigo Oriente: Uma Introdução ao Estudo do Antigo Oriente Próximo*. Editora Wm. B. Eerdmans, 1994.

Wise Bauer, S. *A História do Mundo Antigo*. WW Norton & Company, 2007.

status que transcende o de um simples indivíduo, aproximando-o da figura de um líder tribal ou patriarca.

É importante ressaltar que este estudo não busca provar a identidade exata de *Za-ab-ra-am* com o Abraão bíblico, mas sim demonstrar a plausibilidade de sua existência histórica dentro do contexto mesopotâmico da época. As evidências filológicas, arqueológicas e históricas convergem para desafiar a visão puramente mítica dos patriarcas, sugerindo que as tradições bíblicas podem ter um substrato histórico mais concreto do que se supunha. A pesquisa contribui para o diálogo interdisciplinar, incentivando uma reavaliação das fontes e uma compreensão mais matizada da relação entre narrativa e história no Antigo Oriente Próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou a ocorrência do nome “Za-ab-ra-am” em documentos administrativos sumérios do período Ur III, analisando sua possível correspondência com o patriarca bíblico Abraão. Através de uma abordagem filológica e histórico-comparativa, que incluiu a análise de transliterações acadêmicas, reconstruções paleográficas e contextualização histórica, foi possível demonstrar que a presença desse nome em registros de propriedade, comércio e tributação, em regiões e períodos compatíveis com a narrativa bíblica, oferece evidências significativas para a discussão sobre a historicidade patriarcal.

A recorrência de “Za-ab-ra-am” em diferentes localidades (Puzriš-Dagan, Girsu, Nuzi) e sua associação com atividades econômicas de grande escala (rebanhos, cereais, terras) sugerem que se tratava de um indivíduo de relevância social e econômica. A descoberta do nome “Ish-ma-il” na mesma tabuleta que “Za-ab-ra-am” em Nuzi é particularmente notável, pois estabelece uma conexão direta com a narrativa bíblica e reforça a plausibilidade de que esses nomes representem figuras históricas reais.

Embora este trabalho não afirme uma identificação definitiva entre “Za-ab-ra-am” e o Abraão bíblico, ele contribui para o debate acadêmico ao apresentar um corpo de evidências que desafia a visão puramente mítica dos patriarcas. As práticas administrativas sumérias de registro detalhado de bens e transações fornecem um pano de fundo concreto para a existência de indivíduos com o perfil de Abraão, sugerindo que as tradições bíblicas podem ter raízes mais profundas na realidade histórica do Antigo Oriente Próximo do que se costuma admitir.

Futuras pesquisas poderiam aprofundar a análise de outros nomes semíticos ocidentais em documentos mesopotâmicos, bem como explorar a interconexão entre as redes comerciais e as rotas de migração na região. A integração contínua de dados arqueológicos, filológicos e históricos é essencial para uma compreensão mais completa da complexa relação entre as narrativas antigas e o contexto histórico em que foram formadas.

REFERÊNCIAS

Bertman, S. *Manual para a Vida na Antiga Mesopotâmia*. Oxford University Press, 2005.

Durant, W. *Nossa Herança Oriental*. Simon & Schuster, 1954.

Enciclopédia Judaica: Amoritas, acessado em 1 de dezembro de 2016.

Entrada de artefato PDT 1, 0722 (2001) Iniciativa da Biblioteca Digital Cuneiforme (CDLI). Disponível em: <https://cdli.earth/P126138> (Acessado em: 12 de agosto de 2025).

Hallo, W. W., & Simpson, W. K. (1998). *The Ancient Near East: A History*. Harcourt Brace College Publishers.

HSS 10, 124 entradas de artefato (1970) Iniciativa da Biblioteca Digital Cuneiforme (CDLI). Disponível em: <https://cdli.earth/P213389> (Acessado em: 21 de agosto de 2025).

HSS 10, 161 entradas de artefato (1970) Iniciativa da Biblioteca Digital Cuneiforme (CDLI). Disponível em: <https://cdli.earth/P213426> (Acessado em: 21 de agosto de 2025).



Jagersma, A Descriptive Grammar of Sumerian (2010)

Kitchen, K. A. (2003). On the Reliability of the Old Testament. William B. Eerdmans Publishing Company.

Kramer, S. N. (1963). The Sumerians: Their History, Culture, and Character. University of Chicago Press.

Kriwaczek, P. *Babilônia: Mesopotâmia e o Nascimento da Civilização*. St. Martin's Griffin, 2012.

Millard, A. R. (2002). Patriarchal Age: Myth or History? In *Essays on the Patriarchal Narratives* (pp. 1–18). Eisenbrauns.

PDT 1, entrada de artefato 0231 (2001) Iniciativa da Biblioteca Digital Cuneiforme (CDLI) . Disponível em: <https://cdli.earth/P125647> (Acessado em: 7 de julho de 2025).

PDT 1, entrada de artefato 0253 (2001) Iniciativa da Biblioteca Digital Cuneiforme (CDLI) . Disponível em: <https://cdli.earth/P125669> (Acessado em: 12 de agosto de 2025).

Pettinato, G. (1991). *The Archives of Ebla: An Empire Inscribed in Clay*. Doubleday.

Van De Mieroop, M. *Uma História do Antigo Oriente Próximo ca. 3000 - 323 a.C., 2ª edição*. Blackwell Publishing, 2006.

Vários Autores Antigos. *A Bíblia, Versão King James*. Thomas Nelson, 2010.

Von Soden, W. *O Antigo Oriente: Uma Introdução ao Estudo do Antigo Oriente Próximo*. Editora Wm. B. Eerdmans, 1994.

Walton, J. H. (2006). *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament: Introducing the Conceptual World of the Hebrew Bible*. Baker Academic.

Wise Bauer, S. *A História do Mundo Antigo*. WW Norton & Company, 2007.